

ESCOLINHA DE FUTEBOL: UMA QUESTÃO PEDAGÓGICA

Alcides José Scaglia¹

RESUMO

O objetivo deste relato é, além de apresentar as experiências da escolinha de futebol da UNICAMP, divulgar um estudo teórico-prático na linha da pedagogia de esportes, que ressalta as questões pedagógicas inseridas num processo de ensino-aprendizagem na iniciação esportiva, mais especificamente em relação à iniciação no futebol. São relatados neste estudo: os princípios pedagógicos, a metodologia, a organização e sistematização dos conteúdos da escolinha de futebol, e, em síntese, propõe-se uma nova pedagogia para o ensino do futebol. Procura-se, também, levantar uma discussão a respeito de qual seria a função das escolinhas de iniciação esportiva. Para isto são trazidos à luz da compreensão as idéias de alguns autores que acreditam que as funções das escolinhas de esportes(futebol) se materializam por meio de uma prática pedagógica, preocupada com um desenvolvimento global de seus alunos, respeitando os seus estágios de crescimento e desenvolvimento, físico e cognitivo, e onde por meio de sua práxis pedagógica transmita muito mais do que o aprendizado de gestos técnico-esportivos.

INTRODUÇÃO

Atualmente é grande a proliferação de Escolinhas de várias modalidades na nossa sociedade, como futebol, vôlei, basquete, natação..., destinadas a acolher um público infantil e adolescente, basicamente compreendendo as idades de 6 até 16 anos.

O que antes era “privilégio” de prefeituras e clubes, hoje está sendo explorado, até com fins lucrativos, por agências. Ex-atletas consagrados utilizam de sua “fama” e prestígio para atrair alunos para suas escolinhas, estabelecendo uma relação comercial através do esporte.

Adentrando nesse universo, dúvidas surgiram, e nos remetem a pensar sobre o que é desenvolvido nessas escolinhas e quais as suas finalidades. Portanto, pode-se questionar: se as escolas de esportes estão proliferando e ampliando

suas atuações para várias modalidades, quais devem ser os objetivos do trabalho nessas agências não formais de ensino?

Esta pergunta nos leva a pensar em duas respostas, com dois objetivos distintos. Inicialmente, uma com objetivo de caráter pedagógico-educacional sob o esporte e outra com um objetivo de busca de novos talentos e especialização precoce. Porém, é na primeira hipótese de resposta que nos centraremos.

Alguns autores como Freire², Parlebás³, Sérgio⁴, Paes⁵, entre outros, acreditam que o trabalho com as escolinhas de esportes se materializa por meio de uma prática pedagógica, preocupada com um desenvolvimento global de seus alunos, respeitando seus estágios de crescimento e desenvolvimento, físico e cognitivo, onde, a escola de esporte, através de sua práxis pedagógica, deve contemplar várias possibilidades, tais como: sociais, intelectuais, motoras, educacionais e também esportivas.

Portanto, parece ser função básica das escolinhas proporcionar um processo de ensino-aprendizagem, que venha a possibilitar um aprendizado da modalidade em questão, mas que este aprendizado técnico não tenha um fim em si mesmo, ou seja, este processo deve estar envolvido em todo um contexto vivido pelo aluno. Completando o pensamento, Montagner⁶ diz “... o esporte não é educativo à priori. É preciso torná-lo um meio de educação”. Com isto, vê-se que o esporte poderá ser o que se fizer dele, pedagógico, performístico, alienador...

Para uma melhor compreensão, lançando mão de uma analogia, pode se ter ilustradas as idéias por meio do exemplo da matemática escolar. Na escola, sem exceção, todos os alunos tem a possibilidade de aprender a matemática, mas esta disciplina não tem por finalidade transformá-los em matemáticos, mas eles utilizarão a organização matemática assimilada, durante toda a vida, e ainda aqueles que se interessarem em se tornar matemáticos, terão esta

² João Batista FREIRE é o coordenador da Escolinha de Futebol da FEF-UNICAMP, e atual coordenador da pós-graduação da FEF

³ Pierre PARLEBÁS e sua teoria da ação motriz

⁴ Manuel SÉRGIO pode ser considerado o idealizador da ciência da motricidade humana, aludido filósofo português autor de obras como: “Educação Física ou ciência da motricidade humana?”

⁵ Roberto Rodrigues PAES é autor do livro “Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol.”

⁶ Paulo Cesar MONTAGNER, “Esporte de competição X Educação?: o caso do basquetebol”. Piracicaba, 1993. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação, UNIMEP, p.57, 1993.

¹ Alcides José Scaglia bacharel e licenciado pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP - 1995.

oportunidade, pois a fundamentação, a base matemática, foi ensinada na escola.

Por meio desta analogia, pode-se transcender e pensar uma escolinha de esportes envolta por uma concepção de educação permanente, que, através da aplicação de conhecimentos de pedagogia de esportes, terá a finalidade e a responsabilidade de possibilitar um desenvolvimento ao aluno, onde o esporte não se restringe a um “fazer” mecânico, visando um rendimento exterior ao indivíduo, mas torna-se um compreender, um incorporar, um aprender atitudes, habilidades e conhecimentos, que o levem a dominar os valores e padrões da cultura esportiva, como nos adverte Betti⁷. Pois, devemos entender o aluno como um ser total, humano; um ser sujeito, nunca objeto, que é carente na sua busca pelo superar-se, como nos explica Manuel Sérgio⁸

Com o relato das experiências desenvolvidas na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, com escolinha de futebol, sob a orientação do professor João Batista Freire, procuraremos mostrar, na teoria e na prática, que este deve ser o caminho ideal para as escolinhas de iniciação esportiva.

Através deste contato pudemos vivenciar um processo de ensino-aprendizagem que defende e propõe a idéia de um trabalho com escolinhas envolto por uma concepção de pedagogia de esportes. Onde esta concepção tem como função básica proporcionar um desenvolvimento harmonioso e global ao educando, respeitando sempre os seus estágios de crescimento e desenvolvimento, possibilitando um aumento do seu vocabulário motor aliado ao aprendizado dos fundamentos exigidos pelo futebol.

Com isso, o aprendizado técnico do futebol não tem um fim em si mesmo, ou seja, ele contempla, também, todas as outras dimensões abrangidas pelo esporte. Segundo Tubino⁹ o esporte está deixando de perspectivar apenas o rendimento para incorporar um novo paradigma, onde são ressaltados os sentidos educativos e o bem estar social, que sua prática pode proporcionar.

Tem-se com este novo conceito de esporte, uma abrangência em 3 áreas de manifestações distintas e interatuantes¹⁰:

a) Manifestação esporte-performance - objetivo, alto rendimento;

b) Manifestação esporte-participação - objetivo, promover o bem-estar, recreação, e o esporte-lazer para todos;

c) Manifestação esporte-educação - com objetivos claros de formação, norteadas por princípios sócio-educativos, preparando seus praticantes para a cidadania.

Mas Montagner se preocupa em ressaltar, expondo que o esporte só tem um sentido educativo, quando tem por finalidade passar um conhecimento ao aluno, tanto em nível técnico-esportivo, quanto em valores culturais que o levarão a um desenvolvimento global.¹¹

O global deve abranger também os aspectos: sensitivos, cognitivos, afetivos, sociais e motores. Pois, segundo Leguet¹², a eficácia será consequência dos aspectos:

- Cognitivos - compreender o que faz, tomar consciência, conhecer-se, saber reconhecer as exigências de uma situação, decidir...
- Afetivos - investimento, controle das emoções, evitando a degradação do comportamento, ousar fazer, aceitar os desequilíbrios, mostrar-se...
- Motores - execução, ajustamentos oportunos, fatores suficientes de execução, coordenação e marcação...

Já Betti nos diz que ao se ensinar qualquer esporte, tem-se a possibilidade de se ensinar uma prática que o aluno a levará para toda a sua vida. Portanto, se ensinado bem, este aprendiz só colherá satisfação e proveito de sua prática esportiva, tanto se este vir a se tornar um especialista, ou apenas um consumidor passivo do esporte, pois aprenderá a assumir uma posição crítica diante do fenômeno esportivo.¹³

Através destas palavras, mostra-se transparente que a preocupação do nosso trabalho não se isola apenas na busca do resultado (performance) e do desenvolvimento físico do aluno, mas sim, de uma forma geral, procura atender todas as necessidades do mesmo, atentando-se para o seu desenvolvimento sócio-cultural e também esportivo.

A escolinha de futebol procura trocar o tecnicismo de movimentos estereotipados, que são subordinados a resultados imediatos de performance, para se preocupar com a função pedagógica da ação motora desenvolvida, ou seja,

⁷ Mauro BETTI, “Educação e sociedade”, 1991.

⁸ Manuel Sérgio, *op. cit.*, 1991.

⁹ Manuel J. G. TUBINO, “Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI”, p. 125-139, 1992.

¹⁰ *idem*, *ibidem*, p. 133.

¹¹ Paulo César MONTAGNER, “Esporte de competição X Educação” o caso do basquetebol. (dissertação de mestrado), 1993.

¹² Jack LEGUET, *op. cit.*, 1987.

¹³ Mauro BETTI, *op. cit.*, 1991.

todo o movimento realizado deve ser carregado de sentido/objetivo pedagógico, dentro do desenvolvimento das aulas.

Isto é alcançado mediante atividades prazerosas, lúdicas, que se baseiam muitas vezes em jogos de ruas, da própria cultura infantil, para ensinar o futebol e seus fundamentos. Freire acredita que, a ação do professor deva ser norteada por um modo de pensar que tenha como referências as condições concretas do aluno, sua cultura infantil, ou seja, o mundo concreto do aluno deve se relacionar com a atividade simbólica solicitada pelo professor.¹⁴

Portanto, como já foi ressaltado, este trabalho tem por objetivo imediato, como quaisquer outras escolinhas de futebol, ensinar as crianças a jogar futebol, mas, a longo prazo, fornecer subsídios para que estas se tornem mais autônomas e críticas, ocasionando uma transformação nas suas vidas, ou seja, através do ensino de um esporte, no nosso caso, futebol, tem-se ressaltado e resgatado os valores educativos que serão incorporados à aprendizagem do futebol e seus fundamentos.

Além de proporcionar todo o aprendizado de uma prática esportiva, o futebol, esta escolinha tem também como missão desmistificar o trabalho com iniciação desportiva, que muitas vezes é visto única e exclusivamente como especialização precoce e caça de mini talentos.

Com isso, como Capinussú diz, “... o trabalho com escolinhas é o atestado de óbito do empirismo”¹⁵, logo, as escolinhas sustentadas por profissionais capacitados, e embasados por teorias que a situem no espaço e no tempo, podemos pôr fim à prática pela prática, abrindo espaço para que trabalhos científicos/acadêmicos, saiam das estantes das bibliotecas, e possam ser absorvidos pela sociedade, transformando o ensino do esporte, futebol, em muito mais que o simples aprendizado de gestos técnicos e estereotipados.

A EXPERIÊNCIA DA ESCOLINHA DE FUTEBOL DA UNICAMP

A escolinha de futebol da UNICAMP foi idealizada pelo Professor João Batista Freire, o qual a utilizou como laboratório para coleta de dados para o seu doutorado.¹⁶ E com a sua pedagogia própria se mantém até os dias de hoje

¹⁴ João Batista FREIRE, “Educação de corpo inteiro”. 1989.

¹⁵ J. M. CAPINUSSÚ, “A necessidade da presença do professor de educação física no trabalho das escolinhas”, 1985.

¹⁶ A tese de doutorado do Prof. Doutor João Batista Freire foi publicada e editada pela Summus e se intitula “De corpo e alma”. O discurso da motricidade humana.

como um laboratório, tanto para pesquisas (monografias, teses, iniciações científicas...), quanto local de estágio para os alunos da faculdade, que têm a possibilidade de colocar em prática todas as teorias que lhes são ensinadas em aula, bem como adquirir experiência para trabalhar com crianças em diferentes faixas etárias.

São em um número aproximado de 100 os alunos atendidos pela escolinha. As aulas acontecem duas vezes por semana.

Os professores, além de um reunião para planejamento das aulas, semanalmente ocorre uma reunião pedagógica com o Prof João Batista Freire, onde são lidos e discutidos alguns textos pedagógicos e também são avaliadas as aulas da semana. Portanto, os professores e monitores da escolinha têm os seus trabalhos constantemente supervisionados e amparados pelas teorias.

Para o desenvolvimento das aulas os professores tem à sua disposição, bolas, bolas de borracha, arcos, cones, cordas, e também alguns materiais que são confeccionados pelos próprios alunos, como: bolas de meia de vários tamanhos, alvos de latas, cones de refrigerantes descartáveis, entre outros que surgem da criatividade dos professores e alunos.

Depois de concluído este breve relato, podemos nos aprofundar mais especificamente na pedagogia e metodologia que regem a escolinha de futebol da Unicamp.

PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS

A escolinha de futebol da FEF-UNICAMP é regida por princípios pedagógicos que se caracterizam como norteadores de uma prática. O primeiro conjunto de princípios está ligado aos atributos que regem um processo de ensino aprendizagem coerente e adequado; já o segundo conjunto de princípios procura se ater na determinação das características relevantes de uma metodologia de trabalho e o terceiro conjunto de princípios procura determinar a importância de se levar em conta a bagagem motora que a criança já traz consigo, dando um grande destaque para a utilização da cultura infantil como instrumento para a aprendizagem significativa do futebol.

Primeiro Conjunto de Princípios

- Futebol entendido como processo de ensino aprendizagem para todos, o futebol como meio de ensino e não com o fim de descobrir promessas;

- Competição e disputa vistas como conteúdos de uma ação pedagógica, ou seja, a

competição deve ser ensinada, tendo como conseqüência um alunado que antes de ganhar ou perder, pratica o “fair-play”;

- A não cobrança de resultados e a não preocupação com a formação de equipes, como fator relevante para uma escolinha de futebol;

- Gerar uma organização para que o aluno pegue mais vezes na bola, ou seja tenha muito contato com a bola durante a aula, portanto, evitando-se grandes filas;

- Possibilitar oportunidades para que eles saibam se auto-organizarem, se preciso for até que eles aprendam a votar, para tomadas de decisões democráticas;

- Estimular a construção de regras, para que os alunos sejam regidos por suas próprias regras;

Segundo Conjunto de Princípios

- Divisão das turmas através de uma adequação etária;

- Divisão das turmas para possibilitar um desenvolvimento harmônico e global das crianças, atentando-se sempre aos seus aspectos cognitivos, afetivos(sociais), sensitivos e motores;

- As crianças brincam em um nível, depois através de variações mais complexas da brincadeira estimula-se o aumento da complexidade dos movimentos destas. Por exemplo: a brincadeira do bobinho, inicialmente sem limites de espaço e de toques, depois diminui-se os toques... delimita-se um espaço...

- Possibilitar que as crianças pensem sua própria ação, pois, pensá-las proporciona a assimilação e desenvolve o seu conhecimento crítico;

- Nunca realizar atividades, que se resumem na prática pela prática, através de conversas e explicações situar o aluno no contexto em que a atividade é executada. O aluno inserido neste processo compreende o seu fazer, atuando como um agente criador e transformador de seu conhecimento.

Terceiro Conjunto de Princípios

- Resgatar a cultura infantil, adaptando brincadeiras infantis, adequando-as à aprendizagem do futebol. Para isto foi elaborado uma pesquisa com as crianças, assim, através das suas próprias brincadeiras elas

- aprenderão o futebol;

- Liberdade no transcorrer do processo de ensino-aprendizagem do futebol, mas esta acaba no momento que começa a adentrar-se na liberdade dos outros alunos e traz prejuízos à aula;

- Planejar a aula levando em conta o que a criança traz consigo, suas características, sua bagagem motora e cultural;

- Aproveitar o conhecimento do aluno, este deve aprender, avançar, a partir do que já sabe.

Não podemos deixar de destacar a importância de uma boa relação professor-aluno para o desenvolvimento de todos estes princípios. Pois o educador deve proporcionar ao aluno o aprendizado de um conhecimento que, segundo Snyders, traduz-se na busca da alegria. Para que esta relação proporcione alegria, é necessário que seja vivida com gravidade e profundidade, pois o professor não se encontra à parte, sentado em sua nuvem; ele revive os sentimentos e as aspirações dos alunos como se fossem as dele.¹⁷

METODOLOGIA

Basicamente para o fluir do nosso processo de ensino, faz-se muito importante o uso de uma metodologia adequada, onde a comunicação deve ser um de seus pontos relevantes, pois é necessário se utilizar de uma linguagem própria às diferentes faixas etárias.

Todas as aulas são tematizadas, ou seja, cada unidade de ensino tem um tema, que pode ser, por exemplo: passe, drible, cobrança de falta, zagueiros. Estes temas são escolhidos e organizados por meio de uma tabela de organização dos fundamentos e habilidades para o futebol, que será discutida mais à frente.

O desenvolvimento da aula se dá através da sua divisão em 5 partes:

- I. Conversa inicial;
- II. Exploração do tema;
- III. Exploração técnica do tema;
- IV. Jogo, síntese do tema;
- V. Conversa final.

A aula sempre se inicia e termina com uma conversa, onde, no começo, estimula-se o aluno a recordar o tema e as atividades da aula anterior, para depois explicar o tema da aula atual, possibilitando que o aluno perceba e se conscientize da seqüência de seu aprendizado. A conversa final gira em torno dos acontecimentos da aula, desenvolvimento das brincadeiras e possíveis problemas que podem surgir no transcorrer da mesma, como por exemplo uma briga, uma falta, etc... Mas nada impede que no meio da aula, frente a um problema ou dúvida, o professor reúna os alunos para uma melhor explicação.

¹⁷ Georges SNYDERS, “Alunos felizes”, p. 87, 1993.

A exploração do tema é o momento onde o aluno tem a oportunidade de descoberta, de criação em cima da temática da aula, ou seja, através de uma atividade lúdica, uma brincadeira adaptada, a criança usa de seu repertório motor para aprender, desenvolver, criar, descobrir um novo movimento que será utilizado na prática do futebol. Por exemplo, na brincadeira de “mãe da rua”, realizada com a bola nos pés.

Já a exploração técnica do tema, se contempla na situação de aula, onde o professor tem a preocupação de corrigir um possível gesto técnico, mas sempre se atentando para a faixa etária na qual o aluno se encontra, pois, é uma incoerência exigir a execução de um gesto técnico de uma criança de 7 anos, mas é uma necessidade em uma de 14 anos. Portanto, a diretividade do tema é colocada em uma seqüência e graduação que se alia ao desenvolvimento do aluno, contrariando o conceito de especialização precoce, e preparando-o para que ao final de seus estudos na escolinha de futebol este possa vir a se especializar.

O jogo é o momento onde o aluno se utiliza do que foi aprendido na aula, aplicando-o numa situação real de prática de futebol. Portanto, o jogo se constitui numa situação de síntese do tema e por conseqüência avaliação da aula. É nesta situação de jogo que a criança extravasa as suas vontades, liberta suas fantasias, seus inocentes desejos..., e demonstra, pelo seu comportamento, a assimilação do que foi proposto.

Como se pode notar, todo o desenvolvimento da aula gira em torno de um tema, onde este é determinado segundo uma sistematização do conteúdo futebol, adequada para os diferentes grupos etários.

Esta sistematização dos conteúdos do futebol se estrutura em três partes:

1. Fundamentos básicos;
2. Fundamentos derivados;
3. Fundamentos específicos.

Os fundamentos básicos são aqueles principais para a prática do futebol, pois, com um bom domínio destes, uma base sólida é construída para alicerçar todo um aprendizado posterior:

- Passe;
- Domínio de bola;
- Condução;
- Drible;
- Chute;
- Cabeceio;
- Desarme;

Os fundamentos derivados são, como o próprio nome diz, provenientes dos fundamentos

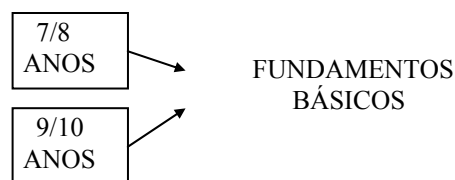
básico, ou seja, faz-se necessário conhecer o primeiro para se ter um bom aprendizado e desenvolvimento do segundo, por exemplo, o lançamento se caracteriza como um passe longo, portanto, primeiro tem-se que dominar o fundamento passe, para depois se ter um eficiente lançamento:

- Cruzamento;
- Cobrança de falta;
- Cobrança de pênalti;
- Lançamento;
- Tabelinhas;
- Arremesso lateral;
- Escanteio.

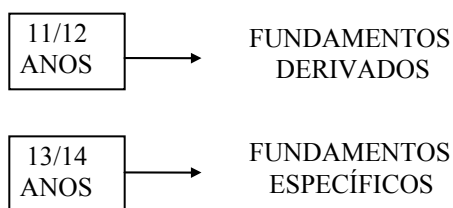
Os fundamentos específicos, nada mais são que as posições táticas do jogadores, suas funções e características próprias que as distinguem¹⁸:

- Goleiro;
- Laterais;
- Alas;
- Zagueiros;
- Líberos;
- Médio volantes;
- Meio campistas;
- Atacantes.

Estes fundamentos, conteúdos de ensino, são divididos e organizados em uma seqüência pedagógica, atenta as diferenças etárias.



¹⁸ Para aqueles que são leigos as posições táticas dos jogadores do futebol, deve-se entender que : o GOLEIRO é aquele, onde, através do uso de todo o seu corpo, inclusive as mãos, tem por função impedir que a bola entre no gol; os LATERAIS são os jogadores defensivos que jogam pelas laterais do campo; os ALAS atuam na mesma posição que os laterais, só se diferem pelas características ofensivas que assumem no decorrer do jogo; ZAGUEIROS são os jogadores defensivos que se posicionam mais ao centro da retaguarda; o LIBERO é o jogador que na maioria das vezes se posiciona como o último homem defensivo, mas que em determinados momentos do jogo aparece como um elemento surpresa no ataque; MÉDIO VOLANTE é o jogador que atua no meio campo e que tem por função desarmar as jogadas do time adversário bem como cobrir o apoio da defesa; os MEIO-CAMPISTAS são os jogadores que têm por função armar as jogadas ofensivas do time, mas atualmente também atuam ajudando na marcação; os ATACANTES são aqueles que tem objetivo marcar os gols, tendo apenas características ofensivas; os PONTEIROS são atacantes que atuam pelas pontas.



Os fundamentos básicos começam a ser trabalhados aos 7 anos, mas seu aprendizado não tem um fim em si mesmo, ou seja, os fundamentos do futebol são meios para a aquisição e ampliação do vocabulário motor das crianças. A ênfase do trabalho nesta faixa etária paira sobre a exploração das habilidades motoras. Faz-se de fundamental importância, não somente nesta idade mas em todas, a aquisição de um grande acervo motor, para que a criança tenha a possibilidade de realizar vários movimentos, tendo um controle sobre eles, em variadas situações e não em uma especificamente.

Em cada aula são trabalhados três temas, sendo dois destes voltados para a exploração de habilidades motoras.

Já aos 9/10 anos estes fundamentos básicos começam a tomar características de fim, com isso uma ênfase maior é dada para a execução destes, o que não ocorria em idades menores.

Seguindo uma seqüência pedagógica preestabelecida, procura-se desenvolver os fundamentos básicos do futebol, ou seja, têm-se uma maior preocupação com o aprimoramento e desenvolvimento destes, que alicerçados ao acervo motor adquirido, possibilitam a construção das características básicas para o futebol.

Também três temas são trabalhados por aula, somente que, neste momento o desenvolvimento das habilidades motoras se dá através dos fundamentos enfatizados na aula, ou seja, começa-se o aprendizado e desenvolvimento de habilidades que são mais específicas para o futebol. Nota-se uma grande preocupação em sempre retomar o tema da aula anterior na subsequente, em todas as turmas, para que o conteúdo seja desenvolvido de forma espiralada.

É aos 11/12 anos, com uma base sólida construída e uma bagagem motora desenvolvida, a preocupação se volta para o aprimoramento e desenvolvimento dos fundamentos derivados.

Na etapa anterior foi-se trabalhado os fundamentos mais simples, básicos, para que se pudesse nesta se desenvolver os fundamentos que se constituem como secundários, derivados dos básicos. Por exemplo, temos o lançamento, que

nada mais é que um passe longo, ou seja, uma forma específica de passe, portanto, se a criança tiver aprendido bem o passe ela poderá desenvolver, de forma mais natural o lançamento. Não se faz interessante para qualquer processo de ensino-aprendizagem que se parta do complexo (lançamento) para o simples (passe), pois, seria como ensinar primeiro uma criança correr para depois ensiná-la a andar.

Aos 13/14 anos a ênfase é dada para o aprendizado do posicionamento tático e das posições dos jogadores durante o jogo.

Depois de adquirida toda uma bagagem motora e dos fundamentos, é chegado o momento de se localizar dentro do contexto do jogo, e também aprender a usar cada fundamento de acordo com as exigências de cada posição.

Os temas das aulas são as posições dos jogadores no jogo. Cada jogador desempenha uma função específica dentro do contexto global do jogo. Com isso, em uma aula onde o seu tema é “laterais”, as funções do lateral devem ser ensinadas para os alunos, desde o local onde ele joga até a sua função dentro dos esquemas táticos mais utilizados atualmente pelo futebol moderno.

Portanto, na aula de “laterais” serão trabalhados os fundamentos que são mais utilizados pelos jogadores desta posição durante o jogo, ou seja, cada posição delega funções ao jogador, e este, para cumprí-las, se vale mais de alguns fundamentos do que de outros, por exemplo, os laterais se utilizam mais da condução de bola, cruzamento e desarme, não obstante de saber que o jogador se valerá de todos os fundamentos durante uma partida de futebol.

Depois de contextualizadas todas as posições e suas funções, e com os alunos vivenciados em todas elas, eles terão a oportunidade de escolher em que posição pretendem jogar, segundo o seu gosto e seu desempenho em cada uma, acabando assim com a imposição das posições segundo critérios físicos. Pois, é muito comum uma certa imposição ao aluno para que este jogue em determinada posição de acordo com seus atributos físicos, se é grande, deve ser goleiro ou zagueiro, se é baixo e rápido deve ser ponteiro, etc... e portanto, o aluno não tem a oportunidade de vivenciar as outras posições, muito menos de escolher qual gosta mais.

Não se quer aqui negar que cada posição tem suas peculiaridades, que podem vir a exigir determinadas qualidades físicas para um melhor desempenho na mesma, mas sim, está se querendo dar a oportunidade de escolha a cada aluno, pois nem todos virão a se especializar no futebol e com

isso, nada se impede que um aluno baixo e rápido venha desempenhar as funções de um zagueiro, se é esta a posição que ele mais gosta de jogar.

Após se ter percorrido todo este caminho, e o aluno ter adquirido toda esta bagagem motora e técnica, ele terá a oportunidade, a liberdade e a possibilidade de se especializar no futebol.

Ao final do processo de ensino-aprendizagem o aluno tem o livre arbítrio para escolher qual o caminho a seguir, se o do esporte (futebol) performance, ou esporte (futebol) participação, tendo por base o esporte (futebol) educação vivenciado, aprendido e desenvolvido na “escolinha de futebol”.

Esporte participação porque possibilitou a aprendizagem do futebol para todos, em todos os níveis; esporte educação, pois acreditou e possibilitou a transmissão de valores educativos através do futebol; esporte performance porque após percorrido todo o processo de ensino-aprendizagem, tem-se a possibilidade de buscar uma especialização que levará o aluno ao encaixe do alto rendimento, pois não se pode negar esta oportunidade aos que se dedicam e se sobressaem.

CONCLUSÃO

Ao final, nota-se que o trabalho da escolinha de futebol procura visar especificamente, além do desenvolvimento e aprendizado da modalidade esportiva em questão, a promoção da saúde e da condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras (ampliando-se o repertório motor), e o entendimento do esporte como um fator cultural (humano), estimulando sentimentos de solidariedade, cooperação, autonomia e criatividade, devendo ser fomentada a sua gestão pelos estudantes praticantes, salvaguardando-se a orientação por profissionais qualificados, e não se preocupando com o resultado imediato, deixando este momento para posteridade, quando se dará início a formação de atletas, através de treinamentos mais específicos.

Mas não é fácil formar homens quando o sistema pede robôs. Não é fácil desenvolver atletas cidadãos, críticos, conscientes, educados e criativos, quando o sistema pede apenas “máquinas” obedientes e automaticamente descartáveis, quando deixam de produzir o rendimento esperado.¹⁹

Contudo, longe de uma especialização precoce, o esporte deve permitir a criança

iniciante a obtenção de uma boa cultura motora. Proporcionando ao jovem uma aprendizagem motora adequada, estar-se-á tornando a prática esportiva alargada a todos.

Portanto, o trabalho de iniciação com qualquer esporte tem de ser, na teoria e prática, um exercício humanamente criador e responsável, que, regido por uma pedagogia própria, transmita muito mais que o aprendizado de gestos técnico-esportivos. Valores éticos, sociais e morais devem ser ensinados através das várias possibilidades que o conceito de esporte abrange, para que se possa fazer do educando um ser agente e transformador do seu tempo, preocupado com uma cidadania que lhe permita viver bem em qualquer que seja o caminho do esporte escolhido por ele a seguir.²⁰

Cientes dos limites deste estudo, não se procurou no seu transcorrer tecer críticas a este ou aquele trabalho, mas trazer um exemplo de trabalho preocupado com a construção de uma pedagogia de esporte, e que possa servir como um momento de reflexão a todos os profissionais envolvidos direta ou indiretamente com a iniciação esportiva em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- CAPINUSSÚ, J. M. A necessidade da presença do professor de educação física no trabalho das escolinhas **Sprint**, v. 3, n. 2, p. 86-89, 1985.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, J. B. **De corpo e alma**. O discurso da motricidade humana. São Paulo: Summus, 1991.
- LEGUET, J. **As ações motoras em ginástica esportiva**. São Paulo: Manole, 1987.
- MEDINA, J. P. S. Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo. In: MOREIRA, W. W. (Org). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1992.
- MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição X educação?**. O caso do basquetebol. Piracicaba, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, UNIMEP, 1993.
- PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce. O caso do basquetebol**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

¹⁹ João Paulo S. MEDINA, “Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo”, p. 152.

²⁰ Alcides José SCAGLIA, “Escolas de esportes: uma questão pedagógica”. Campinas, 1995. Monografia (de final de curso) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, p. 89, 1995.

PARLEBÁS, P. **Perspectivas para uma educação física moderna.** Malaga: Unisport Andaluçia, 1987.

SCAGLIA, A. J. **Escolas de esportes: uma questão pedagógica.** Campinas, 1995. Monografia (conclusão do curso de graduação) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1995.

SÉRGIO, M. **Educação física ou ciência da motricidade humana?**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1991.

SNYDERS, G. **Alunos felizes.** São Paulo: Paz e Terra, 1993.

TUBINO, M. J. G. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In: MOREIRA, W. W. (Org) **Educação Física & esportes: perspectivas para o século XXI.** Campinas: Papyrus, 1992.

Recebido para publicação em 05/03/9